

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088
Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Infância conectada: regras para um ambiente digital seguro

Ana Katrine Moraes
anakatrinems@gmail.com

A partir de março de 2026, entrará em vigor o ECA Digital, um marco regulatório que redefine a forma como crianças e adolescentes devem ser protegidos no ambiente online. As plataformas digitais – redes sociais, jogos eletrônicos, aplicativos diversos e serviços online – passam a ser obrigadas a implementar sistemas eficazes de verificação de idade, capazes de barrar o acesso de menores a conteúdos inadequados.

Esses mecanismos incluem confirmação documentada, ferramentas tecnológicas de checagem e procedimentos que impeçam a criação de perfis falsos por crianças pequenas. Além disso, ambientes virtuais deverão oferecer recursos claros de supervisão parental. Contas de usuários menores de 16 anos precisarão ser vinculadas a um responsável legal, que terá acesso a configurações de privacidade, histórico de atividades, limites de uso e autorização

de compras ou contratação de serviços. Outra mudança central está na proteção de dados pessoais. A lei determina que as plataformas forneçam informações transparentes sobre coleta, tratamento e finalidade dos dados de menores. Pais e responsáveis poderão exigir ajustes, restrições, correções e, se desejarem, a exclusão completa dessas informações. As empresas terão prazos rígidos para responder às solicitações, garantindo maior controle e respeito à privacidade.

A fiscalização caberá à Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), que poderá aplicar advertências, sanções e multas em caso de descumprimento. Apesar das exigências tecnológicas e jurídicas, o ECA Digital reforça que a proteção não se limita à regulação. O diálogo familiar, a educação para o uso consciente da internet e a construção da autonomia digital continuam sendo pilares essenciais para que crianças e adolescentes naveguem em um ambiente mais seguro, saudável e formativo.

Mulher independente é uma falha

Bruna Félix
bruna_felix@atlantico.com.br

Toda mulher independente é uma falha no sistema, não porque exista algo errado com ela, mas porque sua autonomia evidencia os limites de um modelo social que ainda não aprendeu a funcionar com igualdade. Quando uma mulher decide, lidera e sustenta a própria trajetória, o sistema reage. E esse incômodo não é ameaça: é sinal de que algo precisa evoluir.

Durante décadas, a autonomia feminina foi tratada como exceção, concessão ou risco. Mas a realidade mostra o oposto. Quando uma mulher progride, o sistema inteiro avança com ela. Avança a família, que ganha mais estabilidade. Avança a economia local, que se fortalece. Avança a sociedade, que se torna mais resiliente e sustentável.

Autonomia feminina não é pauta identitária isolada. É infraestrutura social. Mulheres com renda própria investem mais em educação, saúde e bem-estar coletivo. Mulheres que ocupam espaços de decisão ampliam redes, criam

negócios, geram empregos e produzem soluções mais duradouras. Onde há mulheres autônomas, há mais futuro.

No Brasil, essa discussão é ainda mais urgente. Para milhões de mulheres, empreender não é escolha aspiracional é estratégia de sobrevivência. Elas começam do negativo: com menos acesso a crédito, menos tempo disponível, menos margem para errar e mais responsabilidades domésticas. Ainda assim, sustentam casas, educam filhos e mantêm a economia girando. O sistema se beneficia desse esforço, mas resiste em reconhecer a autonomia feminina como avanço coletivo.

O paradoxo é evidente. Atualizamos tecnologias, falamos de inovação e futuro do trabalho, mas mantemos um código humano ultrapassado operando em segundo plano. Um código que normaliza a desigualdade e trata a autonomia feminina como exceção.

Sempre que uma mulher se torna autônoma, algo parece sair do eixo. Na verdade, é o sistema que revela seu atraso. Mulheres independentes não quebram o funcionamento da sociedade elas expõem o quanto ainda precisamos avançar.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARS E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Quem foi minha mãe além de mãe?

Rachel Macedo

Professora

Não ter mais a presença da minha mãe é algo que nunca irei superar. Tento conviver com sua ausência, mas, quanto mais o tempo passa, novas situações trazem sentimentos de tristeza que eu não imaginava que sentiria. Algo foi “desbloqueado” em mim nas últimas semanas: o sentimento de não ter conhecido quem realmente foi a minha mãe. Quem foi aquela mulher além do seu papel de mãe? Como foi a sua infância? Quais eram os seus sonhos e seus medos?

Eu achava que tinha uma boa relação com ela, mas percebo que era superficial. Convivi com a minha mãe por 36 anos, até o seu falecimento em outubro de 2020, por causa de sequelas da Covid-19. Iracema de Fátima era uma mulher forte; posso contar nos dedos de uma mão quando a vi chorar. Lembrar dessa informação é algo que me deixa ainda mais triste, pois percebo, cada vez mais, que não a conheci de verdade. Ela era fechada, dura, e não sei o porquê disso... nunca saberei.

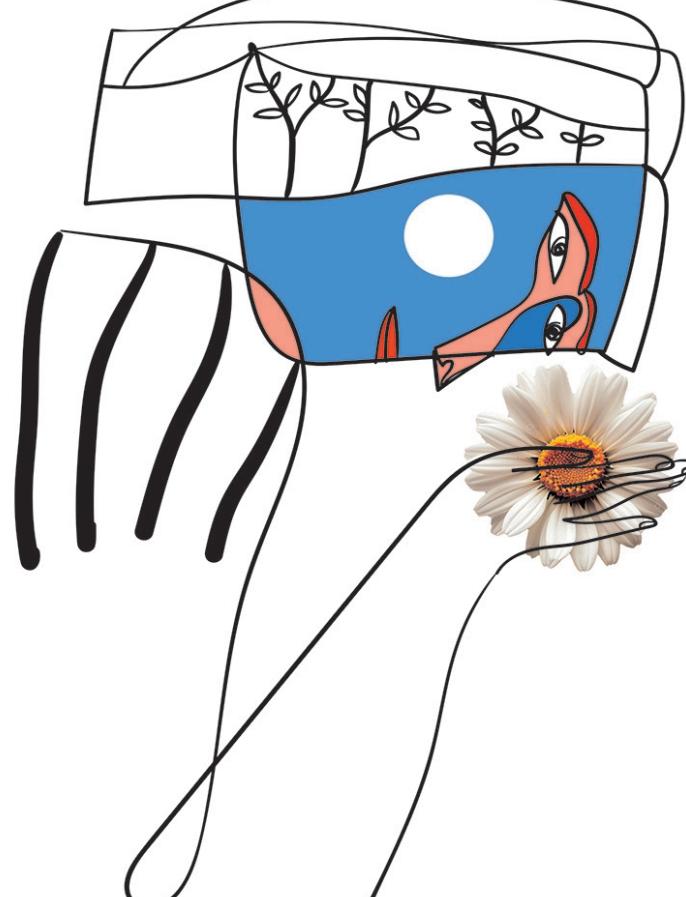
Esses sentimentos começaram a surgir agora que estou na faixa dos 40 anos e me percebo como uma mulher adulta, cheia de emoções, gostos, desgostos e sonhos. Consigo agora ver que existe uma mulher além do papel de mãe. Não sou mãe, mas lembro que, quando eu tinha 10 anos e a minha mãe 40, ela também devia ter todos esses sentimentos. Certeza que tinha!

Este texto é muito sobre a experiência com a minha mãe, mas, por meio dele, gostaria de incentivar um maior interesse dos filhos sobre quem suas mães são, pois, como disse Renato Russo, “são crianças como você.”

Infelizmente, no meu caso, só posso usar a imaginação. Mas, talvez, não seja tarde para você.

Ah, e ela me ensinou a gostar de música boa! Isso me faz feliz.

CARLOS CAMPOS



A margarida e o seu luar

Antônio Cícero Viana de Lima Neto

Ex-Correspondente O POVO

Navegando pelo indeciso
Por longe o paraíso
Eu venho a buscar

Sob a luz do luar
Surjo a contemplar
Uma jovem margarida tentando sonhar
Tão distraída, pequena flor.
Mas pelo amor, obrigada
a se machucar.

No seu distrair
Observo com pudor
Mais tal bela flor
A seguir...

Entre espinhos, insiste em florir,
Mesmo quando o vento

a faz cair;
Guarda no peito o brilho
da aurora,
E espera que o sol
a encontre agora.

Pois quem ama, mesmo
a sofrer,
Faz do silêncio um
modo de viver,
E em cada lágrima
que ousa cair,
Brotar um novo modo

de sentir.

Assim, sigo a contemplar,
A flor que aprendeu a amar,
E talvez, ao vê-la resistir,
Eu também volte a florir.

Diariamente 137

Anahí Gabriella

Ex-Correspondente O POVO

Há duas perspectivas sobre o feminicídio no Brasil: a matemática; uma perspectiva crescente onde só são contabilizadas as vítimas que possuem identidade, enredo e se tornam números. E há a perspectiva de identificação; mulheres tomando ciência e, portanto, percebendo o aumento de casos de maneira mais recorrente e íntima, temendo serem os próximos números, as próximas.

A verdade é que na época da inquisição, mulheres inteligentes, curandeiras, instruídas e que dominavam as ciências eram queimadas vivas em praças públicas por serem inadestráveis e por serem vistas não como indivíduo, mas como algo para: algo para gerar vida, algo para proporcionar prazer ao masculino, algo para manter a casa em ordem.

Algo, não alguém.

Não houveram bruxos queimados em praças porque bruxos são homens, não mulheres. Digo, bruxos, com artigo masculino.

Mulheres seguem sendo queimadas, ainda que nem sempre de maneira literal por serem mulheres, por terem voz, por serem instruídas, por serem donas de si e detentoras de suas próprias vontades. Mulheres seguem sendo mulheres, portanto, ainda são expostas e reiteradamente incineradas.

Nos queimam em fogueiras, e você? Permanece assistindo parado?

Eu sou uma das milhares que sobrevivem, mas nem todas estão entre nós.

São 137 meninas e mulheres mortas diariamente por cônjuges ou familiares, 137 vidas ceifadas e silenciadas, cujo futuro foi roubado por seu valor ser inferiorizado e ditado por um artigo. Fazendo uma matemática rápida, considerando que 137 é o número diário de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas) e sabendo que um ano não bissexto tem 365 dias, temos mais de 50 mil vítimas.

50 mil meninas e mulheres.

Que sejamos a voz de todas as que se formaram, das que estão aqui e são impedidas de falar, das que ainda não sabem como, das que carregam uma culpa que não lhes pertencem, das que sobreviveram.

Que tenhamos fome e sede de justiça.

E que sejamos ávidos em salvar as próximas.

Se a Idade Média voltar, que vençam as bruxas!

Quem foi aquela mulher além do seu papel de mãe?
Como foi a sua infância?
Quais eram os seus sonhos e seus medos?